

“SEDE PERFEITOS COMO PERFEITO É O VOSSO PAI”: A ESPIRITUALIDADE LAZARISTA NAS MISSÕES NO BISPADO DE MARIANA (1840 -1890)

Thales Contin Fernandes*

Resumo: No século XIX, os padres lazaristas da Congregação da Missão, estabelecidos no Colégio do Caraça, protagonizaram um esforço de reforma religiosa no Bispado de Mariana, província de Minas Gerais. Este artigo analisa a reforma religiosa promovida pelos padres lazaristas no Brasil oitocentista a partir do Colégio do Caraça. Argumenta-se que a espiritualidade da Congregação da Missão era propagada através de uma prática homilética rigidamente sistematizada, herdada de São Vicente de Paulo. Os sermões, caracterizados pela simplicidade estrutural e por um conteúdo que enfatizava temas como o juízo final e o inferno, visavam comover e instruir o povo rural, utilizando-se de recursos retóricos clássicos consagrados. A persistência desse modelo discursivo, evidenciada pela análise de manuscritos e relatos históricos, demonstra não apenas a coerência interna da congregação, mas também a permanência de um regime retórico de longa duração no catolicismo brasileiro, cujo estudo é fundamental para compreender o projeto reformista ultramontano no país.

Palavras-chave: Retórica, lazaristas, Colégio do Caraça, Dom Viçoso.

Abstract: In the nineteenth century, the Lazarist priests of the Congregation of the Mission, established at the Caraça College, spearheaded an endeavor of religious reform in the Diocese of Mariana, in the province of Minas Gerais. This article examines the religious reform promoted by the Lazarist priests in nineteenth-century Brazil from the Caraça College. It argues that the spirituality of the Congregation of the Mission was propagated through a rigorously systematized homiletic practice, inherited from Saint Vincent de Paul. The sermons, characterized by structural simplicity and by content that emphasized themes such as the Last Judgment and Hell, aimed to move and instruct the rural populace, employing consecrated classical rhetorical devices. The persistence of this discursive model, evidenced by the analysis of manuscripts and historical accounts, demonstrates not only the internal coherence of the congregation, but also the endurance of a long-standing rhetorical regime within Brazilian Catholicism, whose study is essential for understanding the ultramontane reformist project in the country.

Keywords: Rhetoric, Lazarists, Caraça College, Dom Viçoso.

INTRODUÇÃO

Em meados do século XIX, o Bispado de Mariana, na província de Minas Gerais, foi palco de um inédito esforço de reforma religiosa no catolicismo brasileiro. A partir do recém-fundado colégio na Serra do Caraça, os padres da Congregação da Missão (Lazaristas), protagonistas dessa ação reformista, dedicavam-se aos ordenamentos

* Graduado em história pela Universidade Federal de Viçosa (2016), mestre pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2019), doutorando em história pela Universidade de Brasília com previsão de conclusão em 2025.

fundamentais de sua Congregação: pregar missões ao povo campesino e educar a juventude nos caminhos da fé romana. Conforme estabelecido por seu santo fundador, São Vicente de Paulo, essa comunidade destacou-se, desde o século XVII francês, por desenvolver missões que tinham esse público como alvo prioritário.

A fim de melhor cumprir esses desígnios, os lazarus desenvolveram técnicas e práticas adaptadas ao seu ministério, as quais foram incorporadas aos cânones da Congregação e divulgadas aos coirmãos por meio de mecanismos perfeitamente discerníveis à análise histórica. Essa diretriz é particularmente visível na прédica lazariana, que, longe de ser um campo aberto ao engenho do locutor, seguia uma estrutura rígida, reveladora das práticas específicas da retórica sacra seiscentista.

Neste artigo, buscaremos analisar a estrutura e o conteúdo dos sermões lazarianos preservados no acervo do Santuário do Caraça, juntamente com relatos de sua atividade missionária na região, com o objetivo de elucidar os mecanismos de conservação e propagação das práticas espirituais próprias da Congregação da Missão. Os referidos sermões foram elaborados entre os anos de 1840 e 1841, na vigência do superiorato de Antônio Ferreira Viçoso, futuro bispo da diocese de Mariana. Embora a autoria dos volumes intitulados *Prática sobre os mandamentos para as Missões* (1840) e *Missões, Sermões e etc.* (1841) – escritos na caligrafia do então Superior – seja contestada pela historiografia especializada (Camello, 1986, p. 225), argumentaremos que a autoria individual é secundária à estrutura formal que orientava e sistematizava tais práticas.

A ESTRUTURA DOS SERMÕES

São Vicente de Paulo, em conferência realizada em 20 de agosto de 1655, dedicou-se às normas e princípios que deveriam guiar a atividade missionária lazariana. Parte considerável da mensagem versava sobre a instituição de um método oratório próprio, o *Petit Méthode* (Pequeno Método). Segundo o registro, os sermões por ele concebido tinham o objetivo de “mover à vontade e iluminar o conhecimento” (De Paulo, 2016, p. 265). Ao assim dispor seu método, Vicente o vincula ao modelo do orador ciceroniano, para quem a fala loquaz tinha como objetivo ensinar (*docere*), mover (*movere*) e deleitar (*delectare*). Contudo, este último elemento estava ausente da instrução vicentina, o que aproximava a retórica lazariana da autoridade de Tácito e Sêneca, para quem o ornamento

elocutivo deveria ceder lugar à simplicidade e precisão (Fumaroli, 2009, p. 48 a 72). Tal recusa à função hedônica da прédica devia-se, entre outras coisas, ao público-alvo dos sermões, descrito por manuais de retórica da época como incapaz de compreender discursos muito elaborados.

A simplicidade era, de fato, um imperativo. Para atingir esse fim, os sermões lazistas eram compostos por três etapas: em primeiro lugar, os missionários deveriam “expor os motivos que deveriam tocar o ouvinte a amar a virtude e detestar o vício” (De Paulo, 2016, p. 267); em seguida, expunha-se em que consistia a virtude ensinada; e, por fim, o missionário precisava instruir os ouvintes acerca dos “meios para se chegar a tal virtude” (De Paulo, 2016, p. 267).

Divisamos essa normativa na seguinte passagem dos sermões encontrados no Caraça, onde o Superior Viçoso tratava da virtude do amor ao próximo:

Prestai-me, pois a vossa costumada, e continua atenção, porque para dar-vos uma completa ideia deste preceito vos explicarei no 1º ponto como estamos obrigados a amar o próximo, no 2º como estamos obrigados a manifestar este amor, que é o mesmo que dizer, que coisa devemos saber para amar de veras ao nosso próximo. (*Prática sobre os mandamentos*, 1840, p. 55).

Tal padrão se repete em muitos outros pontos do sermão, em que pese pequenas variações já previstas e autorizadas pelos documentos reguladores (De Paulo, 2016, p. 285). O arrolamento dessas práticas, exibido de forma tão explícita, não deixa dúvidas: trata-se de uma norma homilética sistematizada que revela uma longa tradição retórica.

Além da oratória latina de Cícero, Tácito e Sêneca, a eloquência vicentina vincula-se também à tradição clássica inaugurada por Aristóteles. Segundo o Estagirita, as provas do discurso poderiam se embasar em elementos da razão (prova pelo *logos*), na paixão promovida pelo discurso (prova pelo *páthos*) e no caráter do orador (prova pelo *ethos*) (Aristóteles, 2015, p.63). Na conferência, Vicente também orientou que seus missionários deveriam convencer os ouvintes pela sua santidade (De Paulo, 2016, p. 283), cumprindo a exigência imposta pelo próprio Cristo a seus discípulos: “sede perfeitos como perfeito é o vosso pai” (Mateus 5: 48). A pregação pelo *ethos* do orador era central na atividade missionária lazista, pois, conforme relatou o Padre Brayda, os congregados eram conhecidos no Brasil como “os padres santos” (*Annales de la Congrégation de la Mission*, 1870, p.405).

DO CONTEÚDO

O conteúdo dos sermões do Caraça é outra evidência da permanência de elementos da oratória seiscentista e da instituição retórica consolidada no Ocidente. Não só o decoro deveria guiar a simplicidade estilística, mas também a escolha dos mecanismos de persuasão. Conforme vimos, além do caráter, o orador poderia convencer seu público através da exposição de formulações lógicas ou pelas emoções despertadas. Conforme instruía o manual de retórica do jesuíta seiscentista Emanuelle Tesauro, uma das virtudes do bom orador era discernir quais recursos de prova eram mais apropriados para cada público. Tal público, visto mais por um paradigma tipológico/ideal do que empírico, dividia-se em duas categorias: aqueles que possuíam um intelecto de “aguda vista” e aqueles que viam “debilmente e como que de longe” (Tesauro, 2002, p. 167). Para esses últimos, formulações lógicas e demasiadamente elaboradas eram impróprias, enquanto as provas de persuasão pelo *pathos*, por outro lado, eram muito mais eficientes. Um exemplo desse último tipo é o recurso ao medo.

No volume intitulado *Missões, Sermões, etc.*, temas como a morte, o inferno, a massa de perdidos e o juízo ocupam a maior parte do documento. O risco da perdição eterna era, inclusive, abordado em conjunto com outros assuntos, como por exemplo, na ênfase dada à inevitável perdição daqueles que ignoravam os mistérios fundamentais da doutrina católica (*Prática sobre os mandamentos*^{1840, p. 51}). Admoestações como: “a morte do vosso corpo não só pode estar próxima, mas eminentemente” (*Missões, Sermões e etc.*, 1841, p. 71) constituem a tônica do sermão lazarista, dada a sua eficácia em captar a atenção do público, “movendo a vontade e iluminando o conhecimento”.

Seguindo os princípios da *Retórica* de Aristóteles e do *Orador* de Cícero, o oratoriano Bernard Lamy, contemporâneo de São Vicente de Paulo, defendeu em sua *La rhétorique, ou L'art de parler* que uma forma de excitar as paixões era trazer o objeto à tona, visto que a distância poderia obscurecer as percepções emocionais do público (Lamy, 1668, p. 145). Nos sermões do Caraça, há referências a teatralizações das penas eternas, como o desafio lançado pelos missionários ao público, para que depositassem sobre as chamas a mão, em troca de uma volumosa quantia (*Missões, Sermões e etc.*, 1841, p. 146 e 147). Diante da certeira negativa, o pregador destacaria a loucura dos pecadores, dispostos a

entregar seu corpo inteiro para as chamas infinitas, amiúde, por menores pagas (*Missões, Sermões e etc.*, 1841, p. 146 e 147).

Outra forma de trazer para diante dos olhos conceitos de difícil abstração era por meio do recurso às comparações. Para isso, o então Superior da Congregação lançou mão de lugares-comuns na oratória cristã, como no seguinte exemplo:

Ardem por tanto tempo aqueles infelizes, até que um pequeno passarinho bebendo cada ano só uma gota de água, chegue a esgotar um mui grande poço, depois um mui grande lago, depois, todos os rios e ultimamente todos os mares. No fim deste tempo terão eles ardido tantos anos, que já o nosso pensam.to se confunde com tal cálculo. [...] Continuará ainda o sopro de Deus! a avivar aquelas chamas, e arderão ales como fogo tão aceso, como se então começasse aquele voracíssimo incêndio. [...] Credes na eternidade ouvistes pois se credes, dizei-me, que efeito faz em vós estes pensamentos de eternidade das penas do Inferno, dizei-me por quem sois, que efeito vos causa este sempre e este para nunca mais (*Missões, Sermões e etc.*, 1841, p. 131).

Tal passagem emula tópicas da oratória da Época Moderna, como pode ser visto no *Guia Para os Pecadores* do Frei Luís de Granada, o qual afirmou que: “mais água sairia de seus olhos [dos condenados], que caberia em todo um mundo” (Granada, 2008, p.128 a 129). Essa obra, cuja leitura era estimulada pelo Santo Fundador, integrava a espiritualidade dos lazartistas, que eram incentivados a ler e possuir os textos do religioso espanhol (Forrestal, 2017, p.94).

A emulação de Granada também é perceptível em outras publicações vicentinas, como é o caso de *Thesouro do Christão*, publicado no Brasil em 1858, provavelmente de autoria de João Bartolomeu Cornaglioto. Nessa obra de profundo teor moralizante, o missionário valeu-se do mesmo *topos* retórico do leão como exemplo de gratidão, em contraste com a ingratidão humana, que não dava a paga devida ao sacrifício supremo do Criador¹. A analogia do leão como símbolo da gratidão, por sua vez, derivava de uma fábula de Apião na qual um leão, após ter sua pata curada por um homem, viria a encontrá-lo tempos mais tarde nas arenas de Roma, ocasião em que a temida fera pouparia a vida de seu antigo benfeitor².

¹ “Se as feras indômitas, os cruéis leões e dragões agradecem os benefícios; se as águias e delfins amam a quem os ama; se os cães reconhecem e afagão a quem lhes faz bem; por que razão tu, ó homem, mais fero que as mesmas feras, não ama a quem tanto te ama; a quem te há feito tantos benefícios”. *Thesouro do Christão*. 1858, p. 106.

² “Oh, bestial ingratidão dos filhos de Adão, que tendo além da razão a figura de seu corpo direita, e os próprios olhos endereçados ao céu, não querem que os da lama vejam quem os faz tanto bem! [...]. Porque,

A PRÁTICA DAS MISSÕES

Embora os sermões forneçam informações valiosas sobre a propagação, a formação e a consolidação da espiritualidade vicentina, eles não detalham a prática das missões em si, nem a forma como eram efetivamente pregados. O esforço historiográfico para analisá-las esbarra na escassez de fontes, dispersas em relatos locais e pessoais das inúmeras localidades visitadas pelos lazaristas. Nessa pesquisa, nos valemos das informações levantadas pelos poucos trabalhos dedicados ao tema, com destaque para a Tese de Livre Docência de José Ferreira Carrato, de memórias escritas por ex-alunos do Caraça e pelos relatos dos próprios lazaristas, publicados internacionalmente através dos *Annales de la Congregation*, que divulgava as notícias resenhadas pelos missionários em campo, ao redor do mundo entre 1833 e 1963.

Acerca da recepção das missões vicentinas, Carrato apontou a crítica feita pelo jornal maçônico *A Astéria*, onde os autores acusaram os lazaristas de aterrorizar os “lavradores” e “velinhas beatas” dos povoados de Bom Sucesso e Santo Antônio do Amparo, na província de Minas Gerais, com “iminentes” “predicações de trovoadas, raios, grossas chuvas, pestes e fome (Carrato, 1970, p. 187). Apesar da conhecida hostilidade recíproca entre figuras ligadas à maçonaria e ordens católicas ditas ultramontanas, o relato não parece exagerado, considerando o conteúdo enfático dos sermões. Impressão parecida foi compartilhada por ex-alunos das casas administradas pelos lazaristas, como o Dr. Augusto da Costa Leite, em seu livro de memórias *Saudades e lembranças do Caraça*. Segundo ele, os sermões ministrados pelos congregados, especialmente nos retiros realizados no Colégio do Caraça, “versavam sobre diversos temas, tendo importância especial os seguintes: morte, juízo, inferno e paraíso, permitindo cada um, uma dissertação de mais de duas horas” (Leite, 1941, p.177).

Apesar da distância cronológica entre o relato do jornal (*A Astéria*, meados do séc. XIX) e as memórias de Augusto Leite (início do séc. XX), o depoimento do ex-aluno revela uma notável continuidade nas práticas missionárias lazartistas, corroborando a tese

que coisa mais fera que o leão? Pois descreve Apion, autor grego, que porque um homem que estava escondido em uma cova lhe tirou um espinho que trazia fincado no pé, o leão repartia com ele a cada dia a carne que caçava; e depois de muitos dias, sabendo este homem por seus malefícios jogado a este mesmo leão na praça de Roma, o leão começou a olhá-lo e o reconheceu, e chegou a ele amorosamente, fazendo-lhe as mesmas bajulações que faz um cão a seu senhor quando vem de fora. E depois disto andava atrás dele sem fazer mal a ninguém pelas ruas de Roma”. (Granada, 2008, p. 44).

defendida neste artigo de uma prática oratória comum e sistematizada própria da Congregação. De fato, a descrição de Augusto Leite dá indícios de procedimentos comuns desde a época de fundação da Congregação, como a utilização de iluminuras do inferno, com vistas a ilustrar ao público os horrores que padecem os condenados (Leite, 1941, p.179)³. Segundo o estudante, o recurso ao medo e à culpabilização intensificava-se na proximidade das confissões, visando impressionar os alunos a ponto de levá-los a revelar os pecados mais recônditos (Leite, 1941, p. 177 a 178).

Os relatos apresentados pelos lazaristas nos *Annales de la Congregation*, todavia, não enfatizam esses aspectos, sendo o conteúdo pregado nas missões quase ausente. Neles, a ação dos congregados é descrita em tons heroicos, buscando enfatizar a carência das populações locais, que afluíam aos religiosos em grande número para se confessar (*Annales de la Congrégation de la Mission*, 1881, p. 437 e 438). Dada a escassez de missionários e a vastidão do território, algumas adaptações às práticas europeias eram necessárias. Em um relato de 11 de fevereiro de 1881, o padre Michel Sipolis destaca que, em Minas Gerais, as missões lazarias duravam uma semana e eram conduzidas por quatro missionários, os quais não realizavam “qualquer cerimônia, nem procissões, nem grandes missas”, limitando-se à “primeira comunhão das crianças, com a renovação das promessas do batismo e da consagração à Santíssima Virgem” (*Annales de la Congrégation de la Mission*, 1881, p. 437 e 438). Conferências “em forma de diálogo”, explica o padre, seriam inúteis nessa região, onde “não havia incrédulos a se convencer”, motivo pelo qual os missionários ocupavam sua noite com a catequese, seguida do sermão e das confissões, descritas como um desiderato dos lazarias (*Annales de la Congrégation de la Mission*, 1881, p. 437 e 438).

Embora não haja registros dos sermões pregados nessas missões (os de Dom Viçoso antecedem o relato em quarenta anos), não temos motivos para supor que fossem muito distintos daqueles ministrados por esses mesmos religiosos em seus colégios. Além do mais, a moral rigorosa, o controle das pulsões naturais e o desprezo pelas coisas do mundo

³ Em uma carta enviada a Antônio Portail em 1648 o fundador da Congregação lista os objetos levados as missões da seguinte maneira: “Embora não seja necessário dinheiro, nessas regiões, para viver, contudo, senhor Padre, a Companhia mandou que vos enviássemos cem escudos de ouro para as necessidades que podem sobrevir. Enviar-vos-emos também uma maleta completa, dois rituais romanos, duas pequenas Bíblias, dois exemplares do Concílio de Trento, dois Binsfeld, estampas de todos nossos mistérios, que servem maravilhosamente para levar essa boa gente a compreender o que se lhe quer ensinar, e que eles gostarão de olhar”. (De Paulo, 2016, p. 346)

(*contemptus mundi*) faziam parte da espiritualidade vicentina, estando presentes nas *Regras ou Constituições Comuns da Congregação*. O próprio Superior Antônio Ferreira Viçoso, ao exortar seus coirmãos em carta circular, definia os lazartistas como herdeiros de uma tradição que conciliava o pessimismo em relação ao mundo, típico das ordens monacais, com a necessidade de salvá-lo, conforme o legado dos santos missionários⁴.

CONCLUSÃO

Em vista do que foi disposto, algumas considerações finais se impõem. A prática das missões, a estrutura e o conteúdo de seus sermões são, como demonstramos, um elemento próprio da espiritualidade lazartista. Contudo, isso não implica exclusividade. Jean Delumeau demonstrou que o rigorismo moral, a culpabilização, o recurso ao medo e a crença na “multidão dos perdidos” eram elementos comuns na pregação cristã entre os séculos XII e XIX (Delumeau, 2003). Pelo contrário, as práticas lazartistas evidenciam a permanência de um regime discursivo que prosperou no mundo letrado europeu, desde a Antiguidade Clássica greco-romana até o alvorecer da era romântico-burguesa nos séculos XVIII e XIX. Nesse contexto, como lembra Roger Chartier, vigorava a dinâmica das publicações coletivas, anônimas e compartilhadas, nas quais a autoria individual e a inventividade ainda não haviam se consolidado (Chartier, 2014, p. 10).

Identificar elementos desse regime discursivo na oratória lazartista nas Minas oitocentistas evidencia a persistência dessas práticas, que coadunam com os princípios clássicos que regiam a educação lazartista Andrade, 2000, p. 10 e 81), zelosa pela preservação de uma concepção de civilidade ocidental. Compreender essa dinâmica ajuda a lançar luz sobre as atividades reformistas desses agentes, cuja importância para a história do catolicismo no Brasil contrasta com a atenção historicamente reduzida que lhes foi dada pela academia.

⁴ “Ó Senhores e caríssimos irmãos, que virtudes e que ciências bastarão para o desempenho de tantos deveres nosso! São-nos necessários em casa silêncio, o retiro, a regularidade de um anacoreta e nas missões o zelo semelhante ao do Santo Xavier. Estes sentimentos e doutrinas, com que nos criaram, agora mias que nunca, se nos fazem necessários e devem ser indeléveis da nossa memória. ‘Cartuxos em casa, apóstolos nas aldeias’ e parece que, em grandes letras, o deveríamos ter escrito em nossos cubículos. Trabalhemos de mão comum para a obra de Deus! Silêncio, penitência, oração, lição, mortificação e etc; grandes coisas se nos pedem, maiores se nos prometem [...] Maria Santíssima, em cuja casa principiou a germinar este pequeno ramo da Congregação, os santos Anjos Custódios de nossa Casa, São Vicente, nosso Pai, todos os santos missionários e anacoretas nos consigam do céu a graça da nossa vocação” (Camello, 2001, p. 79 a 80).

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Mariza Guerra de. **A educação exilada: Colégio do Caraça.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CAMELLO, Maurílio José de Oliveira. **Dom Antônio Ferreira Viçoso e a reforma do clero em Minas Gerais no século XIX.** 1986. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

CAMELLO, Maurílio José de Oliveira. “Biografia Documentada do Servo de Deus D. Antônio Ferreira Viçoso”. Primeira parte do **Positio Super Virtutibus et fama sanctitatis servi dei Antoni Ferreira Viçoso.** Roma: Vaticano, 2001.

CARRATO, José Ferreira. **O Caraça Português.** Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1970.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor.** Trad: George Schlesinger. São Paulo: Ed. UNESP, 2014.

DELUMEAU, Jean. **O pecado e o medo:** A culpabilização no ocidente (séculos 13-18). Vol 1. Bauru: EDUSC, 2003.

FORRESTAL, Alison. **Vincent de Paul, the Lazarist Mission, and French Catholic Reform.** New York: Oxford University Press, 2017.

FUMAROLI, Marc. **L'âge de L'Éloquence:** rhétorique et “res literária” de la renaissance au seuil de l'époque classique. Genève: Librairie Droz S.A, 2009.

Fontes

Annales de la Congrégation de la Mission (Congregation of the Mission). Volume 46: 1881.

Annales de la Congrégation de la Mission (Congregation of the Mission). Volume 35: 1870.

ARISTÓTELES. **Retórica.** Trad: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

GRANADA. Frei Luís. **Guia para pecadores: a riqueza da virtude e o caminho para alcançá-la.** Trad: Stella Maris Baygorria. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil. 2008.

LAMY, Bernard. **La rhétorique, ou l'art de parler. Par le R. P. Bernanrd Lam.** **Prêtre de l'Oratoire.** Troisième édition. Paris: Andre Pralard. 1688.

LEITE, Augusto da Costa. **Saudades e lembranças do Caraça.** São Paulo: Empresa Gráfica da Tribuna de Minas LTDA, 1941.

Missões, Sermões e etc. ASC, [Encadernação moderna de 326 páginas]. Manuscrito escrito por Pe. Viçoso em 1841.

Prática sobre os mandamentos. ASC, [armário de D. Viçoso, pinacoteca do Caraça]
Manuscrito escrito por Pe. Viçoso em 1840.

TESAURO, Emanuele. II Giudico. In: I Panegirici Sacri del MotoloReverendo Padre Emanuele Tesauro. Torino: 1633. (Tradução em português “O Juízo. Discurso Acadêmico”, por João Adolfo Hansen). In: CANIATO, Bnilde Justo; MINÉ, Elza (Coord. e Ed). **Abrindo Caminhos. Homenagem a Maria Aparecida Santilli.** São Paulo: Área de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, 2002.

Thesouro do Christão. Dedicado aos alunos do seminário do Império do Brasil. Segunda edição. [o exemplar encontra-se na biblioteca da PUC Minas na cidade de Belo Horizonte e não possui preservada a página da data nem da cidade de publicação. Número de Chamada: 248. 143. T413.

VICENTE DE PAULO, Santo. **Obras completas São Vicente de Paulo: correspondências, colóquios, documentos, tomo XI.** Organizado por Pierre Coste; tradução de Getúlio Mota Grossi. Belo Horizonte: Editora o Lutador, 2016.